

A vergonha da educação

A pesquisa feita pela Fuvest sobre a origem dos vestibulandos que entraram na Universidade de São Paulo evidencia dois fatos. O primeiro favorece os pais que mantêm os filhos em caras escolas particulares, e não tinham parâmetros objetivos e confiáveis para estabelecer a relação custo-benefício entre o que pagam e o que seus filhos recebem. Se o colégio dos meninos não consegue colocar na USP 20,7% dos alunos que tentam aquela universidade, não merece as mensalidades pagas.

Afinal, é esta a relação a que chegou a pesquisa da Fuvest: 72,4% dos calouros cursaram colégio pago e 20,7% nada pagaram pelo curso secundário. Logo, um colégio que não faz a média de 20,7% de acertos equivale à escola pública. Essa relação é a média geral. Para cursos específicos, os números variam, ficando em 5,8% os vestibulandos que entraram na faculdade de medicina após cursar a escola pública e em 17,2% aqueles que, em idêntica condição, preferiram os cursos de engenharia.

Com a pesquisa na algibeira, os pais já podem procurar os colégios onde seus filhos estudam para comprar resultados e verificar, por meios critérios estatísticos, se matricularam os filhos no lugar certo.

O segundo fato deveria instruir a política educacional do Estado de São Paulo. Há algo de muito errado

com um sistema público que coloca apenas 20,7% de seus alunos no ensino superior gratuito para 72,4% de egressos dos cursos secundários pagos. Como esse fato apenas confirma tendência que vem sendo observada há cinco anos, claro está que não orientarão a política do Estado: na verdade, tais dados deprimentes são resultado da política que o Estado vem seguindo e não dá mostras de querer mudar.

Há cinco anos, 32,5% dos alunos da rede pública que tentavam a USP passavam no vestibular; ano passado, foram apenas 29,3% e, este ano, foram meros 20,7%. A queda é vertiginosa e reproduz o nível do ensino público neste Estado, que já teve entre os motivos de orgulho

de seus habitantes a qualidade do ensino da rede pública.

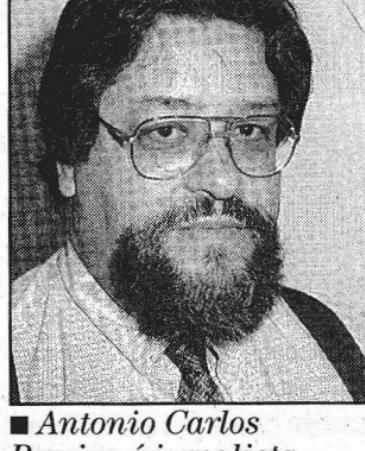
A rede estadual de ensino público está em pandarecos. Os pequenos dramas pessoais e familiares mostrados pela televisão e pela imprensa, por ocasião das matrículas no início do ano, foram apenas o prenúncio do que viria a seguir. Aos problemas de distribuição dos alunos seguiram-se os casos de rodízio de alunos, aulas nos pátios e promessa de aulas em contêineres, porque o número de alunos não batia com o número de salas de aulas.

Segundo dados oficiais, já foram demitidos 23 mil professores. A Apoesp garante terem sido cerca de 40 mil. Não importa o número exato. O fato é que milhares de professores estão sendo postos fora do sistema – muitos não deveriam ter nele entrado, mas essa é outra história – e muitos outros se verão compelidos a sair pela política de

salário de fome. Um professor bem aquinhoados está ganhando algo como R\$ 400 mensais. Encontrará motivação com tal salário e com as perspectivas profissionais que tem? Problema do aluno, que terá maus professores. Também é problema do aluno, quando se aumenta o intervalo entre as aulas, sem aumentar o período de permanência na escola. O resultado dessa química é que as escolas públicas, que antes davam cinco aulas por dia, em cada turno, hoje dão quatro. Ah!

dião os especialistas, o alongamento do ano letivo compensa a redução das aulas diárias, que poderão ser melhor ministradas. Sempre há uma resposta “pedagógica” para esses pequenos arranjos que só fazem depreciar a qualidade do ensino público. Só não há resposta para as estatísticas da Fuvest e para as consequências políticas e sociais que delas derivam. A saber: a escola, em São Paulo, está deixando de ser um poderoso instrumento de ascensão social e de distribuição de renda, para se transformar em fator de perpetuação da pobreza e de cristalização social.

Oxalá os responsáveis pelo ensino público paulista tenham ruborizado de vergonha ao tomar conhecimento da estatística da Fuvest.



■ Antonio Carlos Pereira é jornalista
**Pesquisa da
 Fuvest mostra que
 escola é hoje
 fator de
 perpetuação da
 pobreza**